

EDITORIAL

DOSSIÊ SAMBAS E TURISMO EM PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR TURISMOS: ENTRE SAMBAS E BRASILIDADES

**Dossier Sambas and Tourism in a Transdisciplinary Perspective
Tourism: Between Sambas and Brazilities**

ERNANI VIANA DA SILVA NETO¹, GABRIELA N. DOS SANTOS² & EDILSON F. DE SOUZA³

RESUMO

No gesto de preencher o meio-vazio dos estudos acadêmicos sobre os Sambas nos campos do Turismo, o *Dossiê: Sambas e Turismos em Perspectiva Transdisciplinar* traz 13 trabalhos, assim organizados: dez artigos; um ensaio; uma entrevista e um relato de experiência. São textos que abordam, além de aproximações com o Turismo, o Samba em suas interfaces com o patrimônio, com questões históricas e sociais. Mas, em comum e fundamentalmente, como manifestação maior da brasilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Samba; Transdisciplinaridade; Dossiê; Editorial.

ABSTRACT

In an attempt to fill the void of academic studies on Sambas in the fields of Tourism, the *Dossier: Sambas and Tourism in a Transdisciplinary Perspective* brings 13 papers organized as follows: ten articles; one essay; one interview and one experience report. The texts address, in addition to approaches to Tourism, Samba's interfaces with heritage, with historical and social issues. But, in common and fundamentally, as a greater manifestation of Brazilianness.

KEYWORDS

Tourism; Samba; Transdisciplinarity; Dossier; Editorial.

¹ **Ernani Viana da Silva Neto** – Mestre. Doutorando Bolsista Prosuc/Capes, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3774936945702244> E- mail: evsneto@ucs.br

² **Gabriela Nicolau dos Santos** – Doutora. Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8967457150053042> E-mail: gabrielanicolau.80@gmail.com

³ **Edilson Fernandes de Souza** – Doutor. Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3329563140947244>. E-mail: edilson.souza@ufpe.br

EDITORIAL

O corpo exigido pela síncopa do samba é aquele mesmo que a escravatura procurava violentar e reprimir culturalmente na História Brasileira: O corpo do negro.

Muniz Sodré (1998)

O samba agoniza, mas não morre. Reinventa-se, orbitando entre os signos ancestrais da festa e da agonia. Tributário da grande diáspora africana, soube sobreviver à gramática do chicote e da senzala. Nascido no saracoteio dos batuques rurais, adentrou a periferia dos grandes centros urbanos sem pedir licença. Iniciado nos terreiros de macumba, incorporou-se aos cortejos dos ranchos, blocos e cordões, numa simbiose perfeita com o Carnaval. [...] A multiplicidade e a surpreendente capacidade de reelaboração fazem parte indissociável de sua natureza plural, absorvente, caleidoscópica.

Lira Neto (2017).

O contributo das culturas negras tomou grande parte da constituição do que se entende, genericamente, por cantos populares brasileiros. Suas presenças foram decisivas na conformação da sonoridade da nossa língua, com o incremento de novas dicções e flexões de sintaxe, da nossa música, com a elaboração de novas linhas melódicas, quando em contato com as culturas europeias, na introdução de tambores, agogôs, atabaques e de outros instrumentos indígenas, como ganzá e chocalhos, reterritorializados na dinâmica rítmica nacional (Andrade, 2003).

Estas colaborações advieram de três áreas geográfico-culturais do continente africano: (1) Da Costa ocidental, com os povos Iorubás [Nagôs], Jêje, Fons, Ewê e Fanti-Ashanti, atuais territórios da Nigéria, Benim, Togo, Gana e Costa do Marfim; (2) Dos Sudaneses com os grupos Malês [Islamizados] Peul ou Fula, Mandinga, Haussa, Tapa e Gurunsi, atuais territórios do Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné Conacri, Serra Leoa, Mali e Burkina Fasso; (3) E dos povos do tronco linguístico Banto, geograficamente espalhados entre a área central e austral do continente, atuais territórios de Angola, Camarões, Gabão, Congo, República Democrática do Congo Zâmbia, Zimbábue, Namíbia, Moçambique e África do Sul (Munanga, 2009).

A fixação forçada destes povos no Brasil, impôs-lhes a necessidade de sintetizarem novas estratégias de sobrevivência, de resistência cívica e simbólica, devocional e festiva. Em função do ambiente social encontrado, seus batuques se modificaram para incorporarem-se às festas sacras e populares dos colonizadores. Ao perder alguns elementos que lhe são característicos e ao adquirir outros traços comportamentais, culturais e artísticos, adaptaram-se, de modo ativo, às normas da convivialidade rural e urbana (Costa, 2009).

Entre as estratégias de preservação das suas culturas, no campo da musicalidade, a forma rítmica africana desempenhou uma função extremamente importante. O ritmo, como organizador do tempo sonoro, também organiza os sentidos de ser e estar no mundo, o Axé das religiosidades negras, força motriz que possibilita seus dínamos existenciais. “Cantar/Dançar, entrar no ritmo, é como ouvir os batimentos do próprio coração. É sentir a vida sem deixar de nela reinscrever simbolicamente a morte” (Sodré, 1998, p. 23). Ainda segundo Sodré (1998, 2019), a síncopaⁱ brasileira, que é rítmico-melódica, é o símbolo da sua falsa-submissão ao sistema tonal europeu. Não podendo manter a integralidade dos seus referentes ancestrais, infiltraram suas concepções rítmicas, temporais e cosmogônicas nas formas musicais europeias.

Ao mesmo tempo que as acatavam, as desestabilizavam ritmicamente através da síncopa, e que o verdadeiro mistério do samba consiste em preencher o tempo vazio entre o tom forte e o fraco do ritmo dado. Este tempo pode ser preenchido com a demonstração de habilidades do corpo em dança, bem como pelos improvisos melódicos ou percussivos dos músicos que acompanham. Para Luiz Antônio Simas (2022) é aí onde reside umas das metáforas da brasilidade, o de sambar entre os tons fortes e fracos nas frestas do Brasil oficial com variantes possibilitadas pela brasilidade profunda, pelo Brasil realⁱⁱ. “O Samba, no fim das contas, é o mais poderoso e complexo manancial de exercício de mundo, prática de espaço e tempo e criação de modos de vida do povo do Brasil. O Samba não faz sentido por causa do som, mas pela ausência dele e pelas formas inusitadas de preencher o assombro do vazio com tambor e corpo” (p. 12).

No gesto de preencher o meio-vazio dos estudos acadêmicos sobre os Sambas nos campos do[s] Turismo[s], o **Dossiê: Sambas e Turismos em Perspectiva Transdisciplinar** traz 13 trabalhos, assim organizados: dez artigos; um ensaio; uma entrevista e um relato de experiência. No primeiro trabalho deste Dossiê, *Pré-carnaval: A visualização do invisível*, Milene Castro, Diva de Mello Rossini e Maria Augusta Freitas Costa Canal constata que houve um movimento de retração das manifestações ligadas aos Sambas no Carnaval da cidade de Belém do Pará, ao mesmo tempo que o Pré-carnaval se expandia. O aumento de contingente do Pré-carnaval, ligado aos blocos carnavalescos, trouxe implicações que vão desde as disputas por prestígio, dados pela patrimonialização de um dos seus circuitos pelo poder legislativo no ano de 2017, à possível perda de competitividade para outros destinos no dado período.

Em seguida, Almir Félix Batista de Oliveira e Marília Guimarães da Silva, no artigo *Segunda Vagabunda: Um tributo ao Samba na Cidade de Natal*, descrevem e analisam a prática cultural

Segunda de Vagabundo, que acontece de forma gratuita nas noites das segundas-feiras no bairro Atol das Rocas, em Natal-RN, desde o ano de 2022. Ao seguir o método qualitativo da observação participante, com realização de entrevistas com os organizadores, promotores e turistas, registram que esta iniciativa vem contribuindo para a revitalização do bairro, impulsionando a economia local e promovendo a identidade, e a cultura, do samba potiguar.

Não encontrando estudos que abordassem o Maracatu Nação, nas áreas da psicologia e da psicanálise entrelaçados com o turismo, Lahana Sambaquy Gomes, em *Maracatu Nação: Percursos de Pesquisa em Turismo, Psicanálise e Análise do Discurso* traz a descrição e recortes do seu percurso de pesquisa sobre este bem patrimonial da cultura pernambucana e brasileira. Para isso analisa canções, loas, da Nação do Maracatu Porto Rico, a luz da Análise do Discurso, de Michel Pêcheux.

Yérsia Souza de Assis e Rayra Mayara Santos, com o trabalho *Samba, Gênero e Políticas Culturais: O coletivo Mulheres no Samba da Cidade de Aracaju-SE (Brasil)*, a partir da experiência do citado coletivo buscam responder: Qual contribuição uma articulação de mulheres em grupo musical pode promover para a promoção de políticas culturais em Aracaju, sobretudo, essas que se revertem em políticas para o fomento do turismo desse município? Ao discutirem questões que atravessam os demarcadores de gênero, arte, cultura, turismo e ação social na cidade e Aracajú, percebem que há uma certa desconexão das políticas públicas da cultura com as do turismo da cidade.

Em *o Samba de Roda do Recôncavo Baiano e o Turismo Cultural: Reflexões e dissonâncias a partir dos Estudos Críticos do Patrimônio e da Antropologia da Performance*, a pesquisadora Gabriela Nicolau dos Santos analisa e debate os efeitos do processo de patrimonialização e salvaguarda do[s] Samba[s] de Roda do Recôncavo Baiano pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2004, e pela Unesco, em 2005. Este trabalho origina-se da sua tese, apresentada em 2016 na Universidade de Barcelona.

O artigo produzido pelas autoras Clécia Queiroz e Lúcia Aquino de Queiroz, *Samba de Roda como vetor para uma proposta de Roteiro de Turismo Criativo no Recôncavo Baiano* traz uma proposta de roteirização, aliado aos conceitos de turismo e economia criativa, centrada no samba de roda como catalizador, na integração de diferentes municípios e na potencialidade de redução das desigualdades regionais.

Em *A arte do Samba como mediador de Memória Negra no roteiro da Gamboa - Pedra do Sal, Largo da Prainha e Cais do Valongo no Rio de Janeiro-RJ (Brasil)*, Carlos Alberto Tomelin, Bianka Cappucci Frisoni e Marcello Cappucci Frisoni analisam a relação intrínseca entre o samba e a cultura afro-brasileira nos locais históricos da Gamboa, na capital do Rio de Janeiro: Pedra do Sal, o Largo da Prainha e o Cais do Valongo. A partir destes pontos investigam a história e significado cultural desses locais como espaços de memória negra, o papel do samba como expressão vital na identidade e memória das comunidades nas zonas históricas afro, e do turismo cultural como educador sobre o passado escravagista brasileiro e possibilitador de encontros festivos.

Suellen Alice Lamas, Anderson de Sousa Ribeiro e Suzane Pinheiro Rodrigues em *Sambódromo do Rio de Janeiro acessível aos usuários de cadeiras de rodas: Isso dá Samba!*, artigo este que, em desdobramento à pesquisa anterior, apresentam dados atualizados sobre o debate: carnaval, acessibilidade e turismo, numa perspectiva mais social da transdisciplinaridade entre os sambas e os turismos, reconhecendo o carnaval como instrumento de inclusão social de pessoas com deficiência.

Ursula Resende em *A importância dos recursos audiovisuais na salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial: o Museu do Samba* identificou as características presentes nos recursos audiovisuais como poderosos aliados à salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. No caso estudado, a autora observou o Núcleo de História Oral do Museu do Samba, no Rio de Janeiro, que utiliza objetos audiovisuais como meio de registrar, organizar e disponibilizar depoimentos de protagonistas do samba, alertando que também tais mídias apresentam muitas complexidades na sua preservação.

Em *Turismo Criativo no Bloco da Ovelha, Caxias do Sul - RS: Uma análise a partir do desenho de sua Cadeia Produtiva*, Vanessa Cristina Kukul apresenta graficamente, considerando o visível e não-visível, a cadeia produtiva do Carnaval em Caxias do Sul-RS, a partir do *case* Bloco da Ovelha, que se caracteriza por ser o único bloco da cidade que ainda realiza o cortejo pelas ruas, sendo o turismo como um dos elos do processo.

Na sessão Ensaio, Wallace Lopes Silva em *IOGÁTICA – A ginástica do Samba na festa do corpo negro* disserta que o samba não é estilo musical, gênero artístico ou moda publicitária, mais sim, a própria língua dos Orixás falada, rezada e cantada na boca do povo, força e expressão da natureza em ato.

Na sessão Entrevista, Ernani Viana da Silva Neto trás conversas registradas, ao longo do ano de 2021, com o Mestre Batata, Mestre de bateria de escola de samba da cidade Caxias do Sul, em *'Eu sambo do lado de todo mundo!': Entrevistas com Ivan Diego Feijó da Silva (Mestre Batata)*.

O Dossiê finda na sessão Relato de Experiência, com Severino Lepê Correia, em *Três Braços e um Samba como Signos em Rotação*, em que compartilha sua atividade de tradução intersemiótica com o samba *Quando eu Contar (Iaiá)*, de autoria da dupla Serginho Meriti e Beto Sem Braço, gravado por Zeca Pagodinho, em 1986.

Desejamos a todos uma boa apreciação dos textos reunidos neste

Dossiê *Sambas e Turismo em Perspectiva Transdisciplinar*

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. (2003) *Pequena História da Música*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Assis, M. de. (1861, 29-12). Créditos extraordinários Scoevola - O Sr. Penna em missão - Cinna - O ano novo. Coluna Comentários da Semana (Crônicas), *Diário do Rio de Janeiro*. In: *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: W.M. Jackson Inc., 1938. [Link](#).
- Costa, H. (2009). O Rio Negro no Carnaval. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, 6(1). <https://doi.org/10.12957/tecap.2009.12167> .
- Munanga, K. (2009). *Origens africanas do Brasil contemporâneo: História, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global.
- Neto, L. (2017). *Uma História do Samba*. V.I (As origens). São Paulo: Companhia das Letras.
- Simas, L. A. (2022). Preenchendo o vazio. *Revista Cult. Dossiê: O Samba mora na filosofia*, 281. São Paulo: Bregantini.
- Sodré, M. (1998). *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Sodré, M. (2019). *O Terreiro e a Cidade. A forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X.

NOTAS

ⁱ “A síncopa é uma alteração rítmica que consiste no prolongamento do som de um tempo fraco num tempo forte. Esta alteração não é puramente africana, os europeus também a conheciam. Mas se na Europa ela era mais frequente na melodia, na África sua incidência básica era rítmica” (Sodré, 1998, p. 25).

ⁱⁱ “Não é desprezo pelo que é nosso não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco” (Assis, 1861).